

## ARTE NA ESCOLA: OS DOCUMENTOS COMO MAPAS

Gabriela Fiorin RIGOTTI<sup>1</sup>  
Verena Carla PEREIRA<sup>2</sup>  
TokyPopytek COELHO<sup>3</sup>  
Angélica ROSA<sup>4</sup>

**Resumo:** O Referencial Curricular Nacional para o Ensino Infantil (RCNEI), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e, mais recentemente, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), são documentos oficiais que devem servir como mapas no trilhar de caminhos para um trabalho significativo com a arte na escola. Este artigo analisa cada um desses materiais no que tange às diretrizes para o ensino das artes nas escolas. Esperamos, assim, que os professores se sintam incitados a trabalhar cada vez mais com esta disciplina nas instituições de ensino enquanto forma de expressão e comunicação.

**Palavras-Chave:** Educação. Arte. Documentos Oficiais. BNCC.

**Abstract:** The ‘Referencial Curricular Nacional para o Ensino Infantil’ (RCNEI), the ‘Parâmetros Curriculares Nacionais’ (PCNs) and, more recently, the ‘Base Nacional Comum Curricular’ (BNCC) are official documents that one should take as maps to walk the way towards a meaningful work with art in the school environment. This paper analyses each of these materials in their efforts to cover the guidelines for the teaching of arts in school. We hope that teachers will be encouraged to work more profusely with this subject in the educational institutions as a form of expression and communication.

**Keywords:** Education. Art. Official Documents. BNCC.

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação, Coordenadora de Pós-Graduação pelas Faculdades Integradas Maria Imaculada, FIMI/Mogi Guaçu-SP e Professora do Curso de Publicidade e Propaganda do Centro Universitário Padre Anchieta/UniAnchieta, Jundiaí-SP. e-mail: gabi.frigotti@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Midialogia, Professora Colaboradora na Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP/Campinas-SP e Professora do Curso de Publicidade e Propaganda do Centro Universitário Padre Anchieta/UniAnchieta, Jundiaí-SP. e-mail: vcarlap@gmail.com

<sup>3</sup> Mestre em Artes Visuais, Professor pela Secretaria de Educação do Estado do Paraná. e-mail: coelho\_tokyo@yahoo.com

<sup>4</sup> Especialista em Arte-Educação. PCNP responsável pelo trabalho de formação de professores na área das Artes pela Diretoria de Ensino Campinas-Leste. e-mail: angelicarosasol@gmail.com

## Arte na escola: pressupostos e importância

Nenhum animal, por mais que faça parte da vida humana, tem um histórico de homenagens aos seus deuses, heróis ou crenças por meio do fazer artístico. Nem tão pouco coloca seus humores, ou suas dores e alegrias, em forma de Arte. Esse privilégio cabe a nós, ou melhor, a alguns entre nós.

(Ernest Fischer)

Iniciamos este texto salientando que o ensino da arte nas escolas de educação formal, seja na educação infantil ou nos primeiros anos do ensino fundamental, seja a partir do trabalho com artes visuais, dança, música ou teatro, possibilita aos educandos, a partir de suas experiências tanto individuais quanto coletivas, a reflexão, a crítica e a interação com o mundo em seus mais variados eventos sociais, políticos, culturais etc., quer seja nas questões sobre o passado ou sobre o presente, bem como a interpretação deste mundo por meio dos sentidos. Deste modo, partimos do pressuposto de que trabalhar o olhar, o gosto e o interesse dos alunos pelas mais diferentes expressões artísticas inseridas nas culturas ao redor do mundo é condição básica para que o sujeito se conecte e se relacione ativa, consciente e salutarmente com o mundo, o que pode otimizar sua experiência estética e crítica em relação ao que o rodeia.

Entretanto, tratar da arte na escola se constitui como uma tarefa não muito fácil, antes de tudo, por sua relação com a história da humanidade. Como salienta Graça Proença (2005, p. 7):

[...] o homem cria objetos não apenas para se servir utilitariamente deles, mas também para expressar seus sentimentos diante da vida e, mais ainda, para expressar sua visão de mundo histórico em que vive. Essas criações constituem *obras de arte* e, também contam — talvez de forma mais fiel — a história dos homens ao longo dos séculos.

Pesquisas e descobertas realizadas ao longo de nossa história nos possibilitam conhecer os objetos históricos e artísticos dos quais nos fala Proença e, a partir deles, ter acesso às produções das civilizações antigas, permitindo com que compreendamos as motivações para sua criação. Diz Fischer (1959, p. 21) que há milhares de anos o homem faz arte e, ao fazê-la, olha ao seu redor: a paisagem, os animais, os outros homens. Do seu mundo, o artista tira aquilo que, para ele e sua gente tenha um significado e possa transmitir uma ideia, um sentimento.

Nesse sentido, olhar para a arte desde a mais remota antiguidade é tão difícil quanto importante, sobretudo na escola, dado que desde a pré-história o homem desenha nas paredes

das cavernas e ainda hoje continuamos a tentar compreender estes desenhos, ao mesmo tempo que continuamos a ter a mesma necessidade de registrar a vida através da arte - como, por exemplo, pelos retratos fotográficos postados incessantemente nas redes e mídias sociais.

Compreendemos aqui, portanto, a arte como forma privilegiada de expressão, criada especificamente pelo homem desde seu aparecimento na Terra, como possibilidade de se relacionar consigo mesmo e com o mundo. Ou seja, as manifestações artísticas que os grupos sociais têm produzido, no passado e no presente, fazem parte do acervo cultural da humanidade. Conhecer nossa história estudando e interpretando as produções artísticas, assim como aprendendo formas, meios e técnicas que nos instrumentalizem também para nos comunicar a partir das mais diferentes artes, é fundamental para construirmos nossa própria forma de expressão humana.

A arte, nesse sentido, deve ser vista, na escola e fora dela, antes de tudo como uma atividade integradora da personalidade, pois, fazendo arte, a pessoa usa seu corpo, sua percepção, seus conceitos, sua emoção, sua intuição... tudo em uma atividade que não divide o sujeito em compartimentos, mas, ao contrário, integra os vários aspectos de sua personalidade! Mas a arte não propicia apenas acesso ao mundo interno, dos sentidos e dos sentimentos. Cada manifestação artística tem uma forma de expressão própria, a qual se realiza no mundo material a partir de técnicas, manuseios e formas de cognição. Nesse sentido, Barbosa (2003) faz uma crítica à ênfase única à emoção quando tratamos sobre o ensino de arte na escola, considerando que “se a arte não é tratada como conhecimento, mas somente como um ‘grito da alma’, não estará oferecendo uma educação nem no sentido cognitivo e nem no sentido emocional, pelas quais a escola deve se responsabilizar” (p. 23).

O que se aponta a partir disso é que a arte, como forma de expressão, deve ser entendida, tanto fora da escola quanto - e sobretudo - dentro dela, como campo de saber histórico, cultural, sensível, cognitivo e, ao mesmo tempo, possuidor de especificidades técnicas e importância crítica; como espaço privilegiado para a disseminação e produção da cultura artística e, por conseguinte, da construção da identidade cultural, como nos aponta Tourinho:

A defesa do ensino da arte na escola já reuniu inúmeros argumentos, nenhum deles desprezível, mas quase todos alheios aos processos que compreendem a atividade artística (conceber, fazer/ criar, perceber, ler, interpretar), seus produtos (obras, manifestações), ações e reflexões. Esse distanciamento entre argumentos de defesa e a realidade da escola gerou um tratamento curricular da arte que, além de outras implicações, despiu esse ensino da

reflexão, da crítica e da compreensão histórica, social e cultural dessa atividade na sociedade (TOURINHO, 2008, p. 31).

Conceitos iniciais postos, o que temos como diretriz geral e principal é que o ensino de arte nas escolas, seja para a educação infantil ou para os primeiros anos do ensino fundamental, deve garantir ao aluno o conhecimento e a vivência dos aspectos técnicos, das representações e das variadas expressões através de músicas, de artes visuais, da dança e do teatro. Mas como fazer isso? O que se espera do trabalho com arte na escola para que ele, de fato, oportunize aos alunos a arte como forma de expressão? A BNCC, documento oficial mais recente em voga na educação básica brasileira, assim como os PCNs e o RCNEI, todos devem servir de mapas neste trilhar de caminhos, e é desta maneira que serão aqui apresentados no que tange às diretrizes para o ensino das artes nas escolas.

### **RCNEI e PCNs: os documentos precursores e suas diretrizes**

Segundo o RCNEI (1998), o ensino de arte dirigido às crianças em sua primeira fase de vida escolar deve propiciar o movimento, o equilíbrio, o ritmo, a harmonia, o contraste, a continuidade, a proximidade e a semelhança, todos atributos da criação artística, conferindo caráter significativo à arte na escola na medida em que traz aos alunos a integração entre os aspectos sensíveis, afetivos, intuitivos, estéticos, cognitivos e técnicos, assim como a promoção de interação entre sujeitos e a comunicação social.

No entanto, a presença da arte nas escolas de educação infantil tem demonstrado um descompasso entre tais objetivos e as práticas pedagógicas comumente encontradas nas instituições escolares. Em muitas propostas, as atividades artísticas são tomadas apenas como passatempos ou com conotação decorativa, como atividade de desenhar, colar, pintar e modelar destituídas de significados, servindo para enfeitar paredes ou ilustrar datas comemorativas.

Perante essa realidade e a partir do que sugere o RCNEI, o professor precisa considerar que as crianças têm suas próprias impressões, ideias e interpretações sobre a produção de arte e o fazer artístico; assim, o aprendizado de arte depende, desde a mais tenra idade, da criação e construção individual e, no decorrer desse processo, do prazer e da capacidade de se expressar pela arte que surgem gradativamente na vida do educando.

Já se tomarmos o Ensino Fundamental e os PCNs (2001) como foco de análise, podemos afirmar que o ensino da arte para os primeiros anos deve ir além, buscando aguçar a

imaginação e tornando o espaço da arte um palco integrador, dinâmico, crítico, criativo e construtor de aprendizagens não meramente teóricas, mas também realizadas por meio da vivência, da experiência, da parceria e da confiança entre os envolvidos no processo. É necessário destacar que, sobretudo se tomada a educação das crianças entre 6 e 10 anos de idade, todas as linguagens artísticas, ou seja, tanto a música como a dança, o teatro e as variadas artes visuais já representam uma fonte bem embasada e importante de experimentações artísticas, as quais devem ser trabalhadas com maior especificidade técnica para a promoção de experiências estéticas, do senso crítico e do olhar curioso e criativo para o mundo que cerca o aluno.

As atividades desenvolvidas, tanto na educação infantil quanto nos primeiros anos do ensino fundamental, devem compreender todos os fazeres artísticos como momentos de construção e desenvolvimento da subjetividade, da ludicidade e do conhecimento, possibilitando a experimentação e mediação, através da própria arte, dos sentimentos e pensamentos do aluno para com seu grupo e vice-versa, propiciando, assim, o aprendizado prazeroso e significativo:

Assim, aprender com sentido e prazer está associado à compreensão mais clara daquilo que é ensinado. Para tanto, os conteúdos da arte não podem ser banalizados, mas devem ser ensinados por meio de situações e/ou propostas que alcancem os modos de aprender do aluno e garantam a participação de cada um dentro da sala de aula. Tais orientações favorecem o emergir de formulações pessoais de ideias, hipóteses, teorias e formas artísticas. Progressivamente e por meio de trabalhos contínuos, essas formulações tendem a se aproximar de modos mais elaborados de fazer e pensar sobre arte (BRASIL, 2001).

O trabalho com arte na escola, portanto, desde a escritura do RCNEI e dos PCNs nos anos de 1990, é apontado como dinâmico: deve o professor trabalhar com todas as manifestações artísticas, do passado e do presente, utilizando-se dos mais variados suportes, como folhas, cartolinas, cartões, telas, materiais recicláveis, tecidos... Enfim, há uma gama infinita de possibilidades de trabalho com arte para que dela extraíamos muito mais do que utensílios utilitários e decorativos. Segundo Barbosa (2002):

A arte na educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento individual. Por meio da arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, aprender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada (BARBOSA, 2002, p.18).

Mattos (*apud* VIANNA, 2001) vem ao encontro desta ideia na medida em que aponta que o aluno poderá desenvolver suas competências estéticas e artísticas nas diversas áreas da arte, tanto para produzir trabalhos pessoais e grupais quanto para que possa, progressivamente, desfrutar, apreciar, valorizar e julgar os bens artísticos de distintos povos e culturas, produzidos ao longo da história e na contemporaneidade. Ainda de acordo com esta autora, a importância da área da arte na escola aparece ao compreendermos que a arte tem uma função tão importante quanto a dos outros conhecimentos no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que favorece ao aluno relacionar-se de forma criadora com as outras disciplinas do currículo.

Em suma, ambos os documentos, tanto o RCNEI quanto os PCNs, trazem a importância da arte nos processos de aprendizagem do aluno não só na especificidade da área, mas também para o aprendizado nas demais áreas da educação. Ainda assim, mesmo com os documentos anteriores descortinando a importância do trabalho com arte na escola, seu caráter acessório e inespecífico segue nas práticas escolares, reforçando o errôneo pensamento de que a arte humana é ilustrativa e secundária nos processos da educação.

Mais recentemente, no ano de 2017 é homologado um novo documento orientador da educação: segundo o Governo Federal, a proposta visa equalizar o ensino em suas diretrizes e sua oferta para o todo o território nacional. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC)<sup>5</sup> é, portanto, o documento oficial em vigência para toda a educação nacional no que tange a todos os componentes curriculares, incluindo a arte.

### **A nova BNCC e o ensino de arte: e agora, professor?**

Antes de falarmos sobre o trabalho específico com arte nas escolas, importante compreendermos a BNCC (2017) em sua generalidade. O novo documento corrobora com os anteriores RCNEI e PCNs no que tange à diretriz de se trabalhar em prol da educação integral do sujeito, ou seja, de forma inter e transdisciplinar. O grande diferencial deste novo documento está na forma como os saberes da escola estão subdivididos, com o intuito de promover outras e novas ideias de trabalho.

No que se refere especificamente ao trabalho com arte nas escolas, a BNCC reforça como unidades temáticas – nome usado no documento como sinônimo para as diferentes áreas

---

<sup>5</sup> Em 2017 são promulgados os textos da BNCC para a Educação Infantil e para o Ensino Fundamental. Já a BNCC do Ensino Médio é lançada apenas ao final do ano de 2018.

de trabalho – as artes visuais, a música, a dança e o teatro, mas traz como novidade uma quinta unidade temática: as artes integradas. Tal unidade é, assim, um novo eixo que traz a ideia do trabalho com arte a partir justamente das relações que as diferentes formas de expressão artística têm entre si.

Ainda que, na BNCC, as linguagens artísticas das Artes visuais, da Dança, da Música e do Teatro sejam consideradas em suas especificidades, as experiências e vivências dos sujeitos em sua relação com a Arte não acontecem de forma compartimentada ou estanque. Assim, é importante que o componente curricular Arte leve em conta o diálogo entre essas linguagens, o diálogo com a literatura, além de possibilitar o contato e a reflexão acerca das formas estéticas híbridas, tais como as artes circenses, o cinema e a performance (BRASIL, 2017).

Na prática, esta nova unidade temática apontaria, de forma ainda mais veemente, a preocupação com o entendimento da arte como forma de expressão rica, plural e relacional. Nesse sentido, mais do que nunca as visualidades, as musicalidades, as espacialidades, as corporalidades e as teatralidades deveriam estar presentes nos trabalhos com arte nas escolas de maneira concomitante e relacional, e não de forma isolada, abrindo espaço inclusive para manifestações artísticas que congregam mais que uma forma de arte em sua composição – as chamadas artes híbridas.

Perante o que dizemos três documentos aqui visitados, portanto, as artes têm em comum com os outros componentes curriculares a busca de sentido e a capacidade de criação e inovação. Seria através da farta gama de objetos artísticos que podem ser explorados pela escola - de forma relacional e não de forma repartida – que a sensibilidade, a imaginação e a criatividade dos alunos poderiam ser a floradas.

### **Considerações Finais**

Trabalhar com a arte nas escolas deveria, enfim, ser visto como um caminho que não apenas apontasse para as obrigаторiedades do professor frente aos tais documentos, mas como uma forma de caminhar, a qual privilegiaria o abrir uma picada, um espaço senão novo, ao menos maior, na escola para a formação da autonomia, da expressão criativa e da autoestima de cada aluno.

A partir da leitura atenta dos três documentos aqui elencados em relação ao ensino da arte na educação infantil e nos primeiros anos do ensino fundamental, foi possível perceber

que, para trabalhar com arte na escola, deveríamos adotar como alicerce a ideia de que a arte é expressão e não imitação, pois refere-se ao processo de construção identitária.

Nesta construção da identidade artística pelas crianças, o professor tem importante papel, pois é o responsável por desenvolver a sensibilidade do aluno para que este consiga perceber o significado de cada imagem, som e gesto apresentado nas obras artísticas. Também é o professor o responsável por ensinar e incitar seus alunos a se expressarem através da arte, de forma que possam comunicar ao mundo a realidade do que pensam, sentem e na qual se sentem inseridos.

O professor que trabalha com arte, seja na educação infantil ou ensino fundamental, deveria ser um mediador, aquele que auxilia o aluno a construir uma concepção singular e subjetiva do fazer artístico e do meio sócio-histórico-cultural circundante, sem deixar de trabalhar as noções que envolvam as habilidades de produção e as análises das formas artísticas nos mais diferentes tempos e espaços. Isso significa que, ao professor, cabe promover o fazer artístico, a leitura dos objetos estéticos e a reflexão sobre a arte de forma integrativa, inter e transdisciplinar, de modo que o aluno possa desenvolver a autonomia e interagir com os símbolos da cultura, conseguindo fazer da arte um modo de se expressar e se comunicar.

A unidade temática chamada artes integradas, trazida pela BNCC, propõe o entrelaçar das questões trabalhadas nas especificidades de cada linguagem artística, a partir de um trabalho relacional entre elas: a literatura, o cinema, a arte circense e outras tantas manifestações artístico-culturais híbridas em si mesmas...todas estariam aí contidas. Dessa forma, as artes integradas deveriam fazer com que a ligação possível entre artes, expressões e culturas fique mais tangível, mais visível aos olhos dos estudantes, ajudando-os a explorar as articulações entre as diferentes linguagens e suas práticas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação.

Esta parece-nos uma forma de trabalho com arte tão possível quanto absolutamente importante! Pois, lembrando Fischer (1959, p.20): “a arte é um privilégio que cabe apenas a nós, seres humanos.” Tomara que cada vez mais a muitos, e não apenas a alguns de nós!

## Referências

BARBOSA, Ana Mae (org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002.



\_\_\_\_\_ (org). **A educação do olhar no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, 1998.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Artes**. Brasília: MEC/SEF, 2001.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

FISCHER, Ernest. **A necessidade da arte**. São Paulo: Círculo do Livro, 1959.

TOURINHO, Irene. **Transformações no ensino da arte**: algumas questões para reflexão conjunta. São Paulo: Cortez, 2008.

VIANNA, Tiche; STRAZACAPPA, Márcia. Teatro na Educação: reinventando mundos. In: FERRERA, Sueli (org.) **O ensino das artes**: construindo caminhos. Campinas: Papyrus, 2001, p.115-131.

PROENÇA, Graça. **Descobrimo a história da Arte**. São Paulo: Ática, 2005.